



---

## RESENHA: RELIGIÃO E REVOLUÇÃO: A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO DE FRIEDRICH ENGELS<sup>1</sup>

---

*REVIEW: RELIGION AND REVOLUTION: THE SOCIOLOGY OF RELIGION OF FRIEDRICH ENGELS*

Rafael Fogaça<sup>2</sup>

**Resenha:** RIBEIRO, Wallace Cabral. *Religião e Revolução: A Sociologia da Religião de Friedrich Engels*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, 173p.

### Introdução

Esta resenha apresenta uma análise detalhada e crítica da obra *Religião e Revolução: a Sociologia da Religião de Friedrich Engels*. O autor, Wallace Cabral Ribeiro, graduado, mestre e doutorando em sociologia pela Universidade Federal Fluminense, dedicou-se a pesquisar a vida e a obra de Friedrich Engels, especialmente no que diz respeito à questão religiosa. Engels, um dos fundadores da teoria marxista, é destacado aqui por sua contribuição teórica e prática, apesar de uma pretensa marginalização dentro do próprio marxismo.

O livro examina a diversidade de temas tratados por Engels, que incluem história, antropologia, economia e ciências naturais, entre outros. O autor sublinha a contribuição de Engels para a sociologia da religião, especialmente ao compreender a religião como um fenômeno social historicamente construído e imerso na luta de classes. A resenha detalha a estrutura da obra, dividida em três capítulos principais: a trajetória intelectual de Engels em relação à religião; a relação entre religião, política e

---

<sup>1</sup> Enviado em: 31.03.2024. Aceito em: 10.04.2024

<sup>2</sup> E-mail: [rafogaca@hotmail.com](mailto:rafogaca@hotmail.com)

luta de classes nas insurreições camponesas; e as reflexões de Engels sobre o cristianismo primitivo. Cada capítulo será descrito brevemente, destacando o conteúdo e os principais conceitos explorados.

Além disso, a resenha destaca a metodologia utilizada no livro, que inclui a análise das obras de Engels, bem como de seus comentadores, e a importância da reconstituição histórica para compreender os fenômenos estudados. De modo geral, a resenha oferece uma visão epistemologicamente abrangente do conteúdo, destacando sua relevância para o entendimento do pensamento de Engels e da teoria marxista de forma mais ampla, especialmente no que diz respeito à sociologia da religião e à relação entre religião e política.

### **Capítulo 1 - Religião e política na trajetória intelectual de Friedrich Engels**

O primeiro capítulo do livro oferece uma análise introdutória das reflexões de Engels sobre a interação entre religião e política em dois momentos distintos de sua vida. Destacam-se dois períodos significativos: de 1839 a 1851 e de 1878 a 1895. Além disso, são analisadas percepções sobre a biografia de Engels, contextualizando seu papel como teórico e militante socialista.

Friedrich Engels, nascido em Barmen, na Prússia, em 1820, e falecido em Londres em 1895, é reconhecido por sua colaboração com Karl Marx na fundação da teoria marxista. O texto ressalta sua vasta produção intelectual, incluindo obras notáveis como *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, *As Guerras Camponesas na Alemanha* e *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*.

O capítulo também aborda o engajamento político de Engels, desde sua participação na revolução de 1848 até seu papel na fundação da Primeira e Segunda Internacional dos Trabalhadores. Sua atuação como curador da obra teórica de Marx após a morte deste também é observada, assim como sua influência na disseminação do socialismo científico e na orientação de organizações proletárias.

O texto aponta para a combinação de atividade intelectual e prática na atuação de Engels, evidenciando sua crença na importância da ação direta para a formação da consciência política. Em suma, o capítulo oferece uma visão panorâmica da vida e obra

de Engels, ressaltando seu papel crucial na elaboração e disseminação do pensamento socialista e na luta por mudanças sociais e políticas.

### **I - Engels e a questão político-religiosa (1839-1851)**

Este tópico apresenta uma visão abrangente do desenvolvimento intelectual de Engels no que diz respeito à sua abordagem sobre questões político-religiosas entre 1839 e 1851. Desde jovem, Engels demonstrou um interesse significativo nas condições de vida dos trabalhadores, especialmente após sua experiência em Wuppertal, onde testemunhou a dura realidade do capitalismo industrial. O texto destaca as primeiras críticas de Engels à religião, especialmente ao pietismo, sublinhando sua rejeição consciente das crenças religiosas de sua família e sua identificação com as ideias teológicas críticas de David Strauss.

A transição de Engels do pietismo para o ateísmo filosófico e, posteriormente, para a perspectiva hegeliana é analisada, mostrando como suas leituras e experiências influenciaram suas convicções intelectuais.

O texto aborda ainda o encontro de Engels com Marx e sua imersão no movimento socialista durante a estadia na Inglaterra. Reflete sobre as análises de Engels acerca da relação entre religião e economia, apontando para as mudanças na ética comercial entre católicos e protestantes na Inglaterra. A discussão do papel da religião na manutenção da dominação de classes e na alienação dos trabalhadores evidencia como Engels via a irreligiosidade como uma forma de emancipação da classe trabalhadora.

A obra destaca, por fim, a diversidade de temas abordados por Engels em seus escritos juvenis, demonstrando sua interdisciplinaridade e contribuição para o desenvolvimento da concepção materialista da história. Sublinha-se a evolução de suas reflexões do campo da teologia e filosofia para a sociologia da religião. Ao apresentar uma visão abrangente do pensamento de Engels sobre a religião e sua evolução intelectual, a obra analisada oferece uma valiosa contribuição para a compreensão do papel da religião na sociedade industrial do século XIX.

### **II - Engels e a questão político-religiosa (1878-1895)**

A obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*, publicada por Engels em 1886 e posteriormente reunida em livro em 1888, apresenta uma análise crítica da filosofia da religião de Feuerbach. Engels argumenta que este autor não busca suprimir a religião, mas, sim, completá-la, transformando-a em uma "religião do amor" baseada na relação sentimental entre os seres humanos. Para Feuerbach, sentimentos como amizade, compaixão e amor representariam a forma mais elevada de religião humanista.

No entanto, Engels se opõe a essa concepção, argumentando que as transformações sociais não surgem do "coração do homem e sua necessidade de religião". Ele critica essa visão por ser a-histórica e essencialista, defendendo que os fenômenos religiosos, como o Deus cristão, são produtos de um longo processo histórico e material.

Engels também discute as origens e o desenvolvimento do cristianismo primitivo, destacando-o como uma doutrina revolucionária que desafiava o Império Romano. Ele estabelece um paralelo entre os primeiros cristãos e os socialistas modernos, argumentando que ambos buscavam igualdade e desafiavam as estruturas de poder dominantes. Além disso, analisa a relação entre religião e ciência, referindo-se à ascensão da classe burguesa como impulsionadora do desenvolvimento científico e dos conflitos com a Igreja Católica durante a Idade Média e a era moderna.

Em suma, as reflexões de Engels sobre a religião abrangem diversos aspectos, incluindo a crítica à filosofia de Feuerbach, a análise do cristianismo primitivo como uma força revolucionária e a relação entre religião e ciência. Suas ideias continuam a ser objeto de estudos e debates na compreensão da relação entre religião, política e sociedade.

## **Capítulo 2 – Religião, política e luta de classes nas insurreições camponesas**

Neste capítulo, Friedrich Engels examina a interação entre religião e política durante as guerras camponesas na Alemanha entre 1524 e 1525. Utilizando uma abordagem materialista da história, Engels busca entender as forças subjacentes que impulsionaram esses conflitos. Ele analisa diversos aspectos sociais, como relações de

produção, classes sociais, correntes religiosas e estratégias políticas, a fim de compreender as condições materiais que levaram a esse fenômeno e como ele se desenvolveu.

Engels compara as guerras camponesas na Alemanha com as revoluções de 1848-1850, destacando diferenças entre os períodos. Ele analisa as forças subjacentes aos conflitos e discute a Reforma Protestante na Alemanha, com atenção especial ao papel dos anabatistas na separação entre poder espiritual e temporal, expressando simpatia por figuras como Thomas Münzer. Engels adota uma posição política crítica, distanciando-se do positivismo e reconhecendo a influência das perspectivas de classe na produção do conhecimento científico.

Utilizando os estudos de Wilhelm Zimmermann como base, Engels desenvolve uma nova abordagem da religião, considerando suas conexões com mudanças econômicas, conflitos de classe e transformações políticas. A partir disso, busca compreender a complexidade desses fenômenos e sua relação com a luta de classes.

## **I - A estrutura socioeconômica e religiosa**

Neste tópico, o autor discute a análise de Engels sobre a estrutura socioeconômica e religiosa da Alemanha no século XVI. Engels examina as transformações na sociedade alemã, destacando o declínio do feudalismo e a ascensão da burguesia. Ele descreve como a pequena nobreza empobrecida passou a questionar a Igreja Católica e sua acumulação de riqueza, enquanto os camponeses enfrentavam uma vida de servidão e exploração.

Engels discute o surgimento de movimentos reformistas, como os luteranos e anabatistas, que desafiavam tanto a autoridade da Igreja quanto a ordem feudal, representando diferentes interesses de classe. Ressalta-se a influência da Igreja Católica na Europa medieval, incluindo sua conexão com o feudalismo e sua resistência ao avanço do capitalismo.

Ele propõe que os movimentos de resistência à ortodoxia católica, como os heréticos e reformistas, eram expressões das lutas de classe e dos interesses materiais

das diversas camadas sociais. Engels também examina como a Igreja lidava com a heresia, perseguindo e condenando opositores para manter sua hegemonia.

## **II - As lutas de classe sob o signo da religião**

O tópico problematiza a interpretação de Engels sobre as guerras camponesas na Alemanha, rejeitando a visão predominante dos historiadores alemães, como Wilhelm Zimmermann, que as consideravam conflitos religiosos. O sociólogo germânico argumenta que interpretar essas guerras apenas como conflitos religiosos seria como olhar apenas para a superfície dos fenômenos sociais. Afirma ainda que a religião não estaria na base material fundamental dos conflitos sociais, mas não deixaria de ser moldada por condições materiais e contextos históricos específicos. Nesse sentido, o texto discute a noção de que a religião pode servir como uma "máscara" para interesses econômicos e políticos, uma ideia defendida por Engels e interpretada por estudiosos como, por exemplo, Michael Löwy. No entanto, ressalta-se que a religião não é apenas uma superestrutura automática, mas uma configuração social engendrada por processos complexos.

## **III - A linguagem teológica como força catalisadora**

O tópico tematiza como os movimentos insurgentes na Europa, tais como a Reforma Protestante, as revoltas da baixa nobreza, as guerras camponesas, a insurgência inglesa e a Revolução Francesa, contribuíram para o surgimento de um novo sistema social. Enfatiza-se que, diferentemente da Reforma Protestante e da Revolução Inglesa, onde a religião desempenhou um papel central, na Revolução Francesa as pautas eram predominantemente políticas, com uma forte inclinação antirreligiosa. O texto descreve o contexto da Europa feudal, onde a Igreja Católica detinha grande poder e influência, controlando a interpretação dos textos bíblicos e usando métodos punitivos para manter a sua hegemonia. Destaca-se o papel de líderes como Martinho Lutero e Thomas Münzer durante a Reforma Protestante. Faz-se alusão a Lutero como alguém que refletia uma postura mais conservadora, enquanto Münzer adotava uma

posição mais radical, associando suas ideias teológicas a um tipo de comunismo primitivo.

O texto discute, todavia, a importância dos indivíduos na história, destacando como Lutero e Münzer influenciaram os rumos dos movimentos sociais de sua época, cada um refletindo a atitude de diferentes grupos sociais. Dessa forma, destaca-se a relação dialética entre indivíduo e sociedade, onde ambos se influenciam mutuamente e se complementam na construção da história.

#### **IV - Os movimentos precursores**

No terceiro capítulo de *As Guerras Camponesas na Alemanha*, Friedrich Engels aborda os movimentos e figuras anteriores às reformas protestantes e às guerras camponesas. É feito um destaque para o papel de João Böheim, que pregava um novo evangelho criticando a hierarquia social e o sistema tributário, antes de ser preso e executado. Engels discute a importância do comportamento ascético nos movimentos religiosos radicais da época, sugerindo que estes engendraram uma forma de protesto contra a ordem estabelecida e uma estratégia política para canalizar a energia revolucionária. Ele contrasta o ascetismo protestante, que incentivava uma ética de trabalho e acumulação de riqueza, com o ascetismo dos movimentos camponeses, que visava à renúncia dos prazeres terrenos como forma de resistência.

Engels também descreve o movimento Bundschuh, que exigia a redução dos poderes feudais e eclesiásticos, preconizando a importância dos símbolos religiosos como forma de identificação. Indica-se ainda outras revoltas camponesas, sublinhando as tensões sociais antes das guerras camponesas, que extrapolaram as fronteiras alemãs, chegando também à Suíça.

#### **V - As “circunstâncias materiais existentes”**

Neste tópico, é feita uma abordagem do contexto histórico do século XVI na Alemanha, durante o movimento da Reforma Protestante liderado por Martinho Lutero, com foco especial nas revoltas camponesas e no protagonismo de Thomas Münzer. Engels destaca a complexa interação entre diferentes classes sociais e suas aspirações

durante esse período de agitação social e religiosa. As revoltas camponesas que surgiram em meio ao movimento reformista foram motivadas por uma série de injustiças sociais e econômicas, incluindo a opressão feudal e as demandas arbitrárias do clero católico.

Engels destaca a falta de aliança entre a pequena nobreza e a burguesia, em contraste com o que ocorreu na Inglaterra, onde essas classes se uniram para estabelecer uma monarquia constitucional burguesa devido à exploração e opressão enfrentadas pelos camponeses. Analisa, a partir do pensamento de Engels, as condições materiais que favoreceram ou bloquearam essa aproximação entre as classes sociais, enfatizando a importância de considerar as relações sociais dentro de um contexto histórico e econômico específico.

O texto também faz menção à figura de Thomas Münzer, um líder radical das revoltas camponesas que defendia mudanças sociais e religiosas profundas, incluindo o fim da servidão e a criação de uma sociedade mais igualitária. Engels reconhece as ideias revolucionárias de Münzer, mas aponta para as limitações práticas de suas propostas, dadas as condições sociais e econômicas da época, ou seja, as “condições materiais existentes”.

Ainda, o texto discute a relação entre religião e classes sociais, evocando a análise de Engels sobre como as crenças religiosas podem refletir e influenciar as lutas sociais e políticas. O teórico alemão reconhece o potencial emancipatório da religião, especialmente quando associada a movimentos sociais progressistas, mas tece críticas em relação a abordagens que reduzem a religião a uma mera ferramenta de dominação e/ou alienação.

## **VI - “O papel da violência na história”**

O texto aponta o argumento de Friedrich Engels de que a violência é uma ferramenta política que historicamente tem sido utilizada para manter ou alterar a ordem social, desempenhando um papel revolucionário ao dismantelar estruturas políticas obsoletas. Nesse sentido, o pensador alemão critica a concepção anarquista de violência como algo intrinsecamente negativo, argumentando que, em certos contextos,

a violência pode ter um sentido positivo, como, por exemplo, na transição entre sociedades antigas e novas. Ele observa que a violência foi fundamental na transição do feudalismo para o capitalismo, durante o processo de acumulação primitiva de capital.

Além disso, descortina-se como a violência é empregada de diversas formas na sociedade capitalista, desde a coerção econômica até o uso militar. O autor examina exemplos históricos, como as guerras camponesas na Alemanha e a revolta na Espanha em 1873, para ilustrar como a falta de unidade política e de organização contribuiu para o fracasso dos movimentos revolucionários. Por fim, o texto destaca o interesse de Engels pela dimensão militar, que ele via como crucial para uma possível insurreição proletária, embora não buscase compreender a luta de classes através da violência, mas utilizasse seus conhecimentos militares em prol da causa socialista.

O capítulo, em suma, analisa a relação entre religião e política durante as guerras camponesas na Alemanha, destacando a visão de que os conflitos não eram motivados primariamente pela religião, mas pelas lutas de classes decorrentes da desintegração do sistema feudal. Engels concebe a religião como um "campo de força" atravessado por conflitos e interesses de classes. Cada classe social se vincula a uma narrativa religiosa que reflete seus interesses, tornando a religião uma maneira de entender o mundo e posicionar-se diante dele. Portanto, a religião assumiria várias formas, dependendo das classes envolvidas. Poderia assumir um viés mais reacionário ou, em alguns casos, até uma perspectiva revolucionária. Assim, para compreender essa relação, seria necessário considerar os aspectos históricos, estruturais e conjunturais, pois o significado da experiência religiosa seria definido pelo contexto.

### **Capítulo 3 - Religião, política, luta de classes e o cristianismo primitivo**

A última parte da obra aqui explicitada aprofunda as reflexões sociológicas de Engels sobre a origem e expansão do cristianismo, sua interpretação dos evangelhos, a composição das classes sociais, os conflitos sociais, a relação entre religião e política, as forças produtivas e a especificidade do cristianismo. Ele se concentra nos três principais estudos de Engels sobre o cristianismo primitivo: *Bruno Bauer e o Início do Cristianismo*

(1882), *O Livro da Revelação* (1883) e *Contribuição à História do Cristianismo Primitivo* (1895). Cada um desses artigos é analisado detalhadamente em subcapítulos cronologicamente ordenados. O texto também apresenta uma análise das condições materiais que contribuíram para o cristianismo se tornar a primeira religião universal.

### **I - Bruno Bauer e o cristianismo primitivo**

O tópico apresenta uma análise de Friedrich Engels sobre o cristianismo primitivo, focalizando particularmente sua relação com as contribuições do filósofo alemão Bruno Bauer. Engels busca observar como Bauer influenciou suas reflexões sobre a origem e a expansão do cristianismo, destacando aspectos como a ordem cronológica dos Evangelhos e sua interdependência mútua. O pensador alemão também discute a fusão de perspectivas orientais e ocidentais nas origens do cristianismo, com maior ênfase na influência do pensamento do filósofo judeu helenizado Filon de Alexandria.

O texto explora a convergência entre fé e razão no cristianismo primitivo, bem como sua capacidade de atrair indivíduos de diferentes origens étnicas e sociais. Engels afirma que o cristianismo foi capaz de se tornar a primeira religião mundial devido à sua abordagem universalista e à igualdade que pregava entre os membros da comunidade cristã. Ele examina como o cristianismo ofereceu consolo espiritual e uma saída para as inquietações das classes oprimidas e desfavorecidas da sociedade romana, tornando-se especialmente atrativo para os escravizados e outros grupos marginalizados.

Ademais, o texto aborda as críticas de Engels às interpretações idealistas de Bauer sobre a expansão do cristianismo, argumentando que Bauer falha em reconhecer adequadamente os fatores políticos, econômicos e sociais que contribuíram para esse fenômeno religioso. O texto enfatiza, todavia, o entendimento de Engels sobre a importância de considerar esses diferentes aspectos em conjunto para entender a natureza e o alcance do cristianismo primitivo.

### **II - O Livro da Revelação (Apocalipse)**

Engels apresenta reflexões importantes sobre o livro do Apocalipse à luz do materialismo histórico. O teórico alemão estabelece uma analogia entre o cristianismo

primitivo e os socialistas modernos, destacando que ambos desafiavam o poder dominante. Ele revisa sua postura anterior sobre o Apocalipse, inicialmente considerado estranho, passando a vê-lo como um espelho da conjuntura política e religiosa de uma época.

O texto aborda a escatologia do Apocalipse, enfatizando a crença de que os eventos descritos ocorreriam em breve, principalmente aqueles relacionados ao retorno do imperador Nero. Engels interpreta as profecias à luz do contexto histórico e menciona a decodificação do número 666 como uma referência àquele César. Não obstante, discute as referências ao Antigo Testamento no Apocalipse, sugerindo que foram inseridas para serem compreendidas pelas comunidades cristãs. Ele também destaca a importância do Apocalipse como um documento histórico que revela a realidade social e uma imagem autêntica do cristianismo primitivo.

### **III - Contribuições à história do cristianismo primitivo**

Este tópico busca problematizar a comparação entre o cristianismo primitivo e o socialismo moderno, referindo que ambos surgiram como movimentos dos oprimidos e pregam a libertação da servidão e da miséria, enfrentando perseguições e sendo submetidos a leis de exceção. Apesar das diferenças cruciais entre eles, como a transposição da libertação para além ou dentro deste mundo, respectivamente, há pontos de convergência notáveis.

São expostos pontos de afinidade entre as comunidades dos primeiros cristãos e os movimentos socialistas modernos, como a proposta de comunismo primitivo entre os primeiros cristãos e as lutas por igualdade e justiça social entre os socialistas modernos. Aponta-se, como referência, a Teologia da Libertação como um exemplo dessa dinâmica. De modo geral, o texto explora a relação complexa e multifacetada entre religião e política, destacando as afinidades e diferenças entre o cristianismo primitivo e o socialismo moderno, conforme as bases teóricas analisadas por Engels e outros pensadores marxistas.

### **IV - As condições materiais para a religião universal**

O autor, nesta parte de sua abordagem, analisa a visão de Engels sobre a origem e a expansão do cristianismo, destacando diversos pontos de inflexão. Refere que Engels sustenta que o cristianismo emergiu em um contexto de diversidade de crenças, onde as autoridades romanas não controlavam as práticas religiosas. Sugere-se que o cristianismo se espalhou principalmente entre as classes onde tais crenças eram prevalentes, especialmente nas cidades.

Engels critica a ideia de que o cristianismo tenha surgido puramente do judaísmo, destacando a influência da filosofia greco-romana, especialmente a Escola de Fílon de Alexandria. O texto também discute como o cristianismo se adaptou às instituições políticas e econômicas do Império Romano, o que contribuiu para sua ascensão como religião oficial. Engels e outros autores argumentam que o cristianismo primitivo era mais revolucionário e voltado para as classes oprimidas, mas, ao longo do tempo, se tornou mais flexível e incorporou elementos que favoreciam uma boa relação com o poder estabelecido.

Além disso, o texto aborda o papel do sacrifício de Jesus na transformação do cristianismo em uma religião universal, substituindo os sacrifícios tradicionais das antigas religiões. Engels argumenta que essa mudança contribuiu para o fim das barreiras entre diferentes grupos religiosos e para a expansão do cristianismo. Em suma, o texto resume a análise de Engels sobre como o cristianismo surgiu, se desenvolveu e se adaptou ao longo do tempo, sublinhando sua relação com as condições sociais, políticas e econômicas da época.

### **Considerações Finais**

O livro em questão se concentra na análise das reflexões sociológicas de Friedrich Engels sobre a interação entre religião e política no contexto da luta de classes. Nesse sentido, o autor destaca que a visão de Engels sobre religião não se resume à noção de "ópio do povo", tomada por alguns pensadores, mas reconhece as múltiplas facetas e variações do fenômeno religioso, incluindo suas manifestações contestadoras e revolucionárias.

O texto ressalta, todavia, o legado de Engels no pensamento marxista e sua influência em outros intelectuais, além de destacar sua dedicação à luta política e à revolução proletária, mesmo que não adotasse uma postura intolerante em relação à religião. O texto é rico em abordar a multifacetação do pensamento de Friedrich Engels, trazendo à consideração as interações sociológicas, antropológicas, históricas, teológicas e filosóficas que o pensador socialista desenvolveu. Notadamente, quanto ao estabelecimento de um entendimento da paralelização da religião com o referencial teórico marxista, em contraposição com o senso comum teórico [marxista] da religião como o ópio do povo.